

Sarney admite alianças mas só depois da reformulação

CURITIBA (O GLOBO) — “O partido do presidente João Figueiredo será um só. Os outros estarão na oposição, o que não impedirá estes partidos de apoiarem o Governo. Poderemos praticar com eles inclusive alianças eleitorais, mas no momento em que se discute uma reformulação partidária o Governo não pode admitir a possibilidade de composições situacionistas.

Seria escamoteação”. A declaração foi feita ontem em Curitiba pelo presidente da Arena, senador José Sarney, ao afirmar que apesar das tendências a ele manifestadas indicarem quase que por unanimidade a extinção dos atuais partidos, “é preciso tomar cuidado para que o processo de reformulação partidária não signifique a desintegração das forças políticas. Não se pode nunca admitir a perda da maioria para o presidente João Figueiredo”.

O presidente da Arena lembrou que a reformulação partidária é uma das etapas a ser ultrapassada dentro do projeto político do presidente João Figueiredo, e que no atual momento de consulta às bases políticas “o Governo não está preocupado com a manutenção da Arena ou do MDB, mas com a institucionalização da vida político-partidária no País”.

O governador Ney Braga, após a audiência com o presidente da Arena, reafirmou “a necessidade de se dar maioria ao presidente João Figueiredo, porque os seus passos demonstram aquilo que ele, política e socialmente, prometeu. Trata-se de um homem voltado para o aspecto social brasileiro”.

O senador José Sarney chegou pela manhã à Curitiba e manteve um encontro com o ex-senador Matos Leão, que lhe comunicou a pretensão de liderar a formação da representação do Partido Independente, ligado ao deputado Magalhães Pinto (Arena-MG). Entre os articuladores dissidentes da Arena paranaense, neste novo partido, estariam, além do ex-senador Matos Leão, os ex-deputados estadual e federal Anibal Khuri e Jorge Curi, os dois cassados pela Revolução.

Durante a audiência com o governador, no Palácio Iguçu, o senador José Sarney recebeu de Ney Braga a promessa de que tentará conciliar, no partido de apoio a Figueiredo, os ex-governadores Paulo Pimentel e Canet Júnior, tendo este último já manifestado claramente que Nei Braga terá que decidir entre contar com seu apoio ou com o de Paulo Pimentel, sendo que qualquer tentativa de conciliação será inviável.

Segundo Nei Braga, “a reformulação partidária sugere conciliação e união de

forças para a solução dos problemas maiores da nação. Com isso, os políticos têm obrigação de esquecer velhas divergências”. Perguntado se já teria dito isso ao ex-governador Jaime Canet, Ney Braga afirmou que estava dizendo “agora pelos jornais. Ele já deve ter lido”. Ney Braga prometeu fazer “tudo para aglutinar forças, mas se não conseguir, paciência”.

O ex-governador Paulo Pimentel, por outro lado, reafirmou sua disposição de compor forças com Canet, no mesmo partido que o governador Ney Braga: “Não existe nenhuma inconveniência em se acomodar velhas paixões políticas. Como dizem os mineiros, política se faz conversando. Veja o exemplo dado pelo presidente João Figueiredo, ao receber Dona Sara Kubitschek: é preciso conciliar, saber esquecer. Pimentel disse que já anistiou os seus algozes”.

O deputado federal Paulo Pimentel disse ainda que participará do partido de apoio e sustentação ao presidente João Figueiredo, dizendo: “Eu sou do João enquanto ele existir politicamente”. Disse ainda ser favorável à extinção dos atuais partidos, pois está “insatisfeito com a Arena” e quer novos partidos. Acredita que “as tendências doutrinárias no País poderão caber dentro de quatro ou cinco legendas”.

Já o senador indireto Afonso Camargo disse ser favorável à reformulação partidária porque “inexoravelmente o caminho conduz ao pluripartidarismo, já que os dois partidos não representam a sociedade”. Para ele, a maioria pretendida pelo Governo “poderá ser dada por um ou dois partidos” de apoio e sustentação, e assim sendo, o Governo deverá criar facilidades para o surgimento de novas agremiações.

ESCALA EM SÃO PAULO

SÃO PAULO (O GLOBO) — O senador José Sarney desembarcou ontem em São Paulo, às 20h20m para uma rápida estada que, segundo ele, não tinha qualquer missão política. Ele informou que pretendia apenas pernoitar na casa dos filhos, para prosseguir viagem, hoje pela manhã, de volta a Brasília.

Sarney chegou no último voo, reclamando do frio que encontrou na capital paulista, e dirigiu-se ao posto telefônico do Aeroporto de Congonhas, onde fez três telefonemas particulares num “orelhão”, e avisou sua nora que ia dormir em São Paulo. Depois o presidente da Arena comentou: “Não dá para fazer política aqui, está todo mundo fora. O próprio governador está em Campos do Jordão.”

O
cc

Di
q
G
g
ti
bi

d
o
a
te
d

C
M